

## O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar

Manuel João do Maio Calado  
Maria Manuela Margarido de Deus  
Rui Jorge Lopes Mataloto

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 759-774

### Caracterização administrativa e geográfica



Vista de SW do sítio arqueológico dos Soeiros.

Está situado na margem esquerda da Ribeira de Tera (Fig. 1), num pequeno esporão granítico, pouco saliente numa paisagem relativamente acidentada. A leitura da sua implantação topográfica é truncada pela presença da Albufeira dos Soeiros, que transforma o sítio em ilha ou península; efectivamente, o local só é acessível pelo lado

sudeste quando o nível da água se encontra mais baixo. Não é possível verificar se se trata de uma elevação de encostas suaves ou de um esporão escarpado entre profundas linhas de água; todavia, a partir da leitura da carta topográfica 1:25 000, podemos supor que a Nordeste o local constitui o interflúvio de duas linhas de água subsidiárias da Ribeira de Covas, que deverão ser relativamente encaixadas –a própria construção da barragem sugere que se trata de um troço fluvial muito encaixado (Fig. 2).

A descida da água da albufeira colocou à vista uma grande quantidade de materiais arqueológicos proto-históricos e romanos republicanos. A acção da água provocou o lixiviamento de estratos arqueológicos e o escorrimento de materiais cerâmicos, provocando nestes um acentuado desgaste das superfícies.

Apesar do nosso trabalho incidir exclusivamente sobre recolhas de superfície, a escassez de informação disponível na região sobre as épocas representadas nos Soeiros confere uma especial importância à divulgação dos achados e do sítio em si. Como tal, o presente trabalho contém naturalmente, algumas limitações de interpretação cronológica e funcional, intransponíveis devido à falta de dados de natureza contextual e estratigráfica.

### **As primeiras ocupações**

Um conjunto relativamente pequeno de cerâmicas de fabrico manual e pastas pouco depuradas, com abundantes elementos não plásticos em quartzo, remetem a primeira ocupação do local para um momento indeterminado da Idade do Bronze, eventualmente o Bronze Final englobando neste conceito uma possível continuidade na mal conhecida Idade do Ferro regional.

Este conjunto é composto por cerâmicas manuais de fabrico grosseiro, onde estão presentes grandes contentores e pequenas taças carenadas, que se integram genericamente nas tipologias conhecidas para estes momentos no Sul do país (Fig. 3).

Nas formas de grande dimensão destacam-se os potes de colo alto e bordo ligeiramente exvasado; de registar igualmente a presença de um pequeno pote de colo curto e vertical.

As taças carenadas são de pequenas dimensões e não apresentam um tratamento de superfícies particularmente cuidado, ao invés do que habitualmente acontece nestas formas.

Estão também presentes grandes taças, uma das quais com o bordo ligeiramente introvertido e com uma inflexão pouco marcada, na pança.

As aplicações de suspensão são relativamente frequentes, algumas de pequena dimensão, de tipo “neolítico”, e outras, mais características, maiores e alongadas.

De registar ainda a presença de uma pequena taça com asa de rolo, de fabrico igualmente bastante grosseiro.

No mesmo contexto cronológico-cultural, ou na sequência dele, podem eventualmente integrar-se alguns materiais de roda, nomeadamente asas de cesto de secção circular e um possível bordo de ânfora de feição fenício-púnica.

Os materiais recolhidos e o tipo de implantação dos Soeiros, permitem, no estado actual dos nossos conhecimentos, integrar alternativamente a ocupação mais antiga do local em dois momentos distintos:

1. numa fase indeterminada da Idade do Bronze, de que se tem vindo a identificar um número crescente de pequenos povoados abertos, na região (Calado, Mataloto e Pisco no prelo), e cuja relação (de sincronia ou de diacronia) com os grandes povoados fortificados do Bronze Final permanece em aberto;
2. numa fase antiga dentro da Idade do Ferro regional, igualmente mal caracterizada, em que permanecem alguns materiais de tipologias do Bronze Final com continuidades evidentes dentro da I Idade do Ferro. Prospecções recentes (Calado, Mataloto e Pisco no prelo) têm permitido acrescentar, no Alentejo Central, a lista de *habitats* sidéricos, de cronologia antiga, implantados em áreas abertas e sem vestígios de fortificações artificiais.

## **A ocupação Romana Republicana**

Para além dos materiais que justificaram as considerações acima expressas, é importante assinalar, desde já, que o grosso do espólio recolhido é enquadrável, em termos gerais, em meados dos sec. I a.C., isto é, nos momentos finais da Idade do Ferro.

### **Os materiais de importação:**

#### **As ânforas**

O conjunto anfórico recolhido neste local é escasso; contudo, a relativa coerência cronológica dos materiais que o integram torna-o particularmente interessante, em especial porque são raros, no Alentejo Central, os sítios com espólios do mesmo tipo.

As ânforas recolhidas nos Soeiros são exclusivamente de proveniência Bética, provavelmente dos centros produtores da bacia do Guadalquivir.

Regista-se claramente a presença de dois tipos de contentores diferentes, os quais representam as primeiras produções de morfologia “romana” de proveniência e concepção peninsular (Fabião, 1998; Molina Vidal, 1997): Haltern 70 (Classe 15) e Classe 67.

Ocorre também um outro tipo de contentor cuja atribuição tipológica é dificultada pela reduzida dimensão do fragmento que manuseámos e pela ausência de asa. Este poderá corresponder a um de dois tipos de contentores, ou uma ânfora Dressel 2-4 (Classe 10) de produção do Sul peninsular, ou então um exemplar de Dressel 25 (Classe 24) (Fabião, 1989).

Os restantes fragmentos de bordo recolhidos, devido à sua reduzida dimensão, dificultam sobremaneira a atribuição tipológica, permitindo oscilar entre vários contentores de produção bética, como os da Classe 67 ou os pertencentes às primeiras produções oleícolas béticas, usualmente tidos como Dressel 25 (Classe 24). O próprio estado da investigação das primeiras produções de morfologia “romanizada” em território peninsular, ao revelar-se ainda muito incipiente, dificulta a sua análise.

Claramente, apenas poderemos registar a presença de contentores do tipo Haltern 70 (Classe 15) e dos pertencentes à Classe 67, os quais têm o seu início de produção ainda dentro da primeira metade do séc. I a.C. e que se prolongam pelo séc. I d.C. (Fabião, 1998). A ausência de cerâmicas inequivocamente imperiais (como a *terra sigillata* de produção itálica), remete a sua importação, nos Soeiros, para as décadas iniciais da sua produção, o que se coaduna com a presença de cerâmica campaniense.

Sobre os produtos exportados nestes contentores, a recente investigação revela muitas indefinições, isto é, resulta cada vez mais difícil associar um produto exclusivamente a um contentor, conforme o deduzido em recentes sínteses (Molina Vidal, 1997; Fabião, 1998).

Apesar de todas estas indefinições, os contentores recolhidos nos Soeiros denunciam a importação de produtos béticos provavelmente vínicos, piscícolas e, possivelmente, oleícolas.

A presença destes contentores na região (Alentejo Central) é realmente escassa, maioritariamente devido às lacunas da investigação; contudo, na publicação dos dados do povoado do Castelo Velho de Veiros (Estremoz), onde se detectam fortes influxos do mundo romano, apresenta-se o desenho do que nos parece ser um exemplar pertencente à Classe 67. No povoado do Caladinho (Redondo), recolheram-se abundantes fragmentos de contentores Haltern 70 (classe 15), surgindo também outras produções béticas, como as Dressel 7-11 (Classe16).

Os dados disponíveis, embora lacunares, indicam que o pequeno povoado dos Soeiros não constitui um caso isolado, mas que, naturalmente, se encontra inserido nas rotas de distribuição dos artigos importados que atrás referimos. Com os contentores anfóricos chegariam as restantes importações identificadas, como a cerâmica campaniense, “paredes finas” e cerâmica comum bética, demonstrando a profunda romanização dos hábitos alimentares e de consumo.

### **Cerâmica Campaniense**

Apenas foi recolhido um fragmento de um copo de cerâmica campaniense B, Forma 3 de Nino Lamboglia, que podemos incluir na série 7551 de Morel (MOREL,

1981) e que se enquadra, genericamente, entre fins do séc. II e a primeira metade do séc. I a.C. (Fig. 5, nº 8). O carácter tardio das cerâmicas campanienses no nosso território, sobretudo das que foram designadas como “séries monótonas do círculo da B”, foi recentemente sublinhado por Carlos Fabião (FABIÃO, 1998), que associa a difusão deste tipo cerâmico à evolução dos exércitos romanos em terras ocidentais.

Na região regista-se a presença desta forma no Estrato B do Castelo Velho de Veiros, cujos parâmetros cronológicos o autor situa entre 150-100 a.C. e o séc. I (ARNAUD, 1970). Também na área de Monforte, em Cabeça de Vaimonte, se regista a presença de exemplares da Campaniense B, Lamboglia 3, espécie 7550- séries 7551 e 7553, enquadráveis entre fins do séc. II e a 1ª metade do I a.C. (FABIÃO, 1998).

### **Cerâmicas de “paredes finas”**

No sítio dos Soeiros foram recolhidos cinco fragmentos que pertencem seguramente a cerâmicas de “paredes finas”. Porém, devido à sua pequena dimensão e ao facto de se tratar de fundos de recipientes, sem contar com as conhecidas insuficiências da investigação acerca das cerâmicas de “paredes finas” na fase romana republicana, não foi possível fazer a classificação formal dos exemplares (Fig. 5, nº 6 e 7).

Do ponto de vista morfológico, apenas é possível integrar estes recipientes em duas grandes categorias definidas por A. Ricci (RICCI, 1985): dois exemplares de copos e três de copas. Quanto às pastas, à excepção de um copo cujo fabrico não foi possível identificar, parece tratar-se de produções da Bética, o que coincide com o local de origem das importações do material anfórico.

Face às limitações já expostas, parece significativo referir, no seguimento do já exposto por Carlos Fabião (FABIÃO, 1998) para outras estações arqueológicas, a maior presença de cerâmicas de “paredes finas” em relação às cerâmicas campanienses.

### **Cerâmica comum de importação**

No âmbito da cerâmica de importação, a cerâmica comum é, em termos de número de fragmentos, a categoria melhor representada; no entanto, a informação que dela podemos extrair é comparativamente inferior à fornecida, por exemplo, pelas ânforas.

Da amostra que dispomos do sítio dos Soeiros, fazem parte fragmentos de fundos, bordos e asas, cujas pastas podemos incluir em dois grandes grupos.

Um grupo que apresenta pastas de cor bege, compacta, de grão fino e com algumas inclusões de argila cozida.

Outro grupo do qual fazem parte cerâmicas de cor alaranjada nas superfícies e acinzentada no cerne, a pasta é menos compacta e contém mais elementos não plásticos que as anteriores. O fabrico destes contentores, à semelhança do verificado para as “cerâmicas de paredes finas” e para as ânforas, teve lugar, muito provavelmente, na Bética.

Quanto às formas, o aspecto mais significativo verifica-se ao nível dos bordos. Apesar de terem sido identificados dois fragmentos que correspondem a pequenas taças, a maioria dos bordos pertencem a formas fechadas, entre as quais os jarros (Fig. 5, nº 11-13).

A generalização da importação de cerâmica comum, relacionada com o consumo de líquidos, no Sudoeste do nosso território, foi já referida por Carlos Fabião (FABIÃO, 1998: 415), com base nos dados concretos do sítio das Mesas do Castelinho (Almodôvar) e de outros dados mais dispersos. A presença significativa destas cerâmicas no sítio dos Soeiros estende, também, ao Alentejo Central a recepção de uma panóplia de artigos produzidos na região da Bética, que acompanhavam o principal contentor importado –as ânforas.

### **Cerâmica comum de produção regional**

As cerâmicas comuns de produção regional são, nos Soeiros, como é usual, o conjunto mais numeroso de recipientes detectados.

Estes recipientes enquadram-se, em geral, dentro da variedade tipológica reconhecida para a Idade do Ferro do Sul do país.

A maioria dos recipientes observados foram produzidos com o auxílio da roda; contudo, estão igualmente presentes recipientes de produção manual. Os recipientes de roda têm geralmente uma cozedura oxidante, enquanto os recipientes manuais costumam apresentar uma cozedura redutora, o que lhes confere uma tonalidade bastante escura. Existe igualmente uma óbvia diferença ao nível das pastas: a cerâmica de roda apresenta pastas bastante depuradas, enquanto os recipientes de fabrico manual têm uma pasta e acabamentos, em geral, menos cuidados.

A larga maioria dos recipientes reconhecidos integra formas fechadas de várias dimensões, potes, os quais são bastante vulgares nos povoados do final da Idade do Ferro regional.

Os grandes contentores, cuja função será essencialmente de armazenamento, são em número reduzido; estes têm, em geral, o bordo extrovertido, registando-se porém, a presença de um contentor com um bordo ligeiramente espessado pelo exterior, morfologicamente próximo do conhecido nalgumas ânforas de tradição fenício-púnica.

A larga maioria dos recipientes são potes de pequena e média dimensão, representados por bordos extrovertidos, de diâmetro menor e com paredes bem menos espessas que os anteriores. Nesta categoria morfológica incluem-se produções de roda, principalmente de cozedura oxidante e, embora em menor número, recipientes de fabrico manual. Estes materiais constituem a maioria dos recipientes recolhidos e suscitam algumas observações, muito relevantes para a caracterização do conjunto, mesmo em termos cronológicos. Apesar de todas as dificuldades de análise que levanta o tratamento das cerâmicas comuns, especialmente dentro da Idade do Ferro, devido à escassez de dados, este conjunto detém elementos que remetem claramente para momentos tardios: a importante presença de pequenos potes de “bordo arqueado revirado para o exterior”<sup>1</sup> e de potes de bordo recto e exvasado, formando, com o colo um ângulo acentuado, materiais cujas influências morfológicas se poderão reconhecer em algumas formas da cerâmica de “paredes finas” de momentos republicanos,

<sup>1</sup> Designação utilizada por J. Nolen (1985:68) em peças recolhidas em necrópoles romanas no Alto Alentejo.



sublinha, na nossa opinião, o carácter tardio que a maioria da cerâmica comum de produção local/regional parece assumir.

De difícil classificação, entre formas abertas ou fechadas, reconheceu-se um recipiente de bordo extrovertido, por vezes aplanado, de grande diâmetro ao nível do bordo, e com um índice de profundidade relativamente acentuado; este tipo de recipiente aproxima-se bastante da forma VIII de Ermita de Bélen (Rodríguez Díaz, 1991: 57), classificadas recentemente como bacias ou alguidares (Fabião 1998: 48), sem contudo deixar de referir a proximidade de algumas destas formas, mais profundas, com alguns recipientes de armazenagem.

As formas abertas são claramente minoritárias nestas produções de cariz regional, em parte, segundo cremos, devido à importação de cerâmica com funções similares, como as cerâmicas campanienses, de “paredes finas” ou as cerâmicas comuns de produção do Sul peninsular.

As pequenas taças, muito usuais nos povoados e necrópoles da Idade do Ferro do Sul do país, também estão aqui presentes.

Ao nível das decorações cerâmicas, estas apenas se detectaram em dois casos, bem distintos, por sinal: num destes recipientes a decoração consiste em duas linhas paralelas ondulantes, realizadas junto ao bordo, num contentor de cozedura oxidante; o outro motivo decorativo verifica-se num pequeno recipiente de cerâmica “cinzenta fina” e consiste em várias linhas paralelas com impressão a carretilha.

Este tipo de decoração aparece bem definido no Sudoeste peninsular desde o séc. II a.C. até aos inícios do Império (Berrocal, 1992; Fabião, 1998), o que não contradiz a cronologia sugerida pelo grosso dos materiais recolhidos.

Destacamos ainda a presença de um pequeno fragmento de contentor, registou-se o resto daquilo que parece ser uma inscrição em caracteres latinos, incisos antes da cozedura, sendo legível apenas um A; recolheram-se, no entanto, outros fragmentos possivelmente do mesmo recipiente, onde estão presentes simples sulcos, sem se vislumbrar qualquer outra letra. Em contextos tardios, dentro da Idade do Ferro, conhecem-se outras inscrições em caracteres latinos nos povoados de Capote (Berrocal, 1992) e de Vaiamonte (Fabião, 1996). A inscrição recolhida no primeiro destes locais,

apesar de realizada em caracteres latinos, tem como suporte um recipiente de tradição indígena e, mais importante, é uma inscrição onomástica indígena.

O conjunto de cerâmica de produção regional recolhido no povoado dos Soeiros poderá definir-se como tardio, largamente influenciado pelas formas pertencentes ao Mundo romano, sem contudo obstar a presença de um importante número de recipientes de claro cariz indígena; o que não nos impede de afirmar que, em geral, se poderá associar este conjunto ao momento das importações reconhecidas no local. A reforçar o carácter tardio do conjunto está a presença da inscrição em caracteres latinos.

### **Algumas considerações finais**

Da primeira ocupação humana identificada no sítio dos Soeiros, atribuível à Idade do Bronze ou a um momento antigo da Idade do Ferro, dispomos de uma amostra muito reduzida de materiais arqueológicos.

Os escassos indicadores que possuímos permitem conjecturar uma ocupação Bronze/Ferro, de características abertas, cujos paralelos têm vindo a surgir, na região, na sequência de trabalhos relativamente exaustivos de prospecção arqueológica.

A reduzida área ocupada e a escassa defensabilidade do sítio são atributos recorrentes numa estratégia de povoamento cuja relação com os povoados fortificados permanece ainda em aberto.

Aparentemente, o local só volta a ser ocupado numa fase tardia da Idade do Ferro, em pleno contacto com o mundo romano e que podemos situar genericamente dentro do séc. I a.C..

Embora estejamos conscientes da fragilidade das interpretações assentes exclusivamente em recolhas de superfície, com base nas presenças/ausências de materiais, parece-nos claro que, no estado actual dos nossos conhecimentos, é indispensável usar, com as devidas cautelas, este tipo de critérios, sobretudo se aliado a outros factores (de carácter geográfico, por exemplo) para a discussão do panorama cronológico deste sítio.

No que concerne à cerâmica comum de produção local e regional parece-nos importante considerar dois aspectos: por um lado, a total ausência de cerâmicas estampilhadas enquadráveis na II Idade do Ferro, bem representadas no Sudoeste, que parecem desaparecer durante a primeira metade do séc. II a.C. (BERROCAL, 1992; FABIÃO, 1998). Por outro lado, e como já foi referido anteriormente, a nível da morfologia dos bordos nota-se uma influência de produções romanas republicanas, nomeadamente de “paredes finas” o que aponta para uma cronologia que podemos admitir como mais tardia.

Ao nível das importações assume, como frisámos, especial relevância o conjunto anfórico. A presença de contentores apenas de proveniência Bética remete-nos para meados do séc. I, altura em que se assiste a uma viragem dos centros abastecedores e à substituição dos contentores itálicos por produções béticas (FABIÃO, 1998). As restantes importações, embora não permitam maior afinamento cronológico, não contrariam o panorama definido pelas ânforas.

Ainda é de notar a total ausência de materiais que apontem para uma ocupação imperial do sítio (ausência de *terra sigillata*, por exemplo), o que enquadra o sítio num espaço de tempo que deverá situar-se entre o 2º quartel do séc. I a.C. e ao período de Augusto.

No que diz respeito à última fase de ocupação identificada, pode e deve colocar-se a questão de se tratar de populações indígenas (certamente romanizadas ou, no mínimo, em vias de romanização) ou autenticamente romanas. Com base nos dados que aqui manuseamos, apesar de a cronologia ser, a nosso ver, inequivocamente de época romana, parece-nos, neste momento pouco viável avançar respostas seguras sobre a matéria.

Seja como for, a defensabilidade natural e/ou artificial observável em muitos dos sítios desta época, seria coerente com o contexto político-militar da época, dominado pelas guerras civis e pela presença de tropas no Sudoeste Peninsular.

Note-se que, nos últimos anos têm vindo a ser registados no Alentejo Central (Calado, Mataloto e Pisco, no prelo; Calado, 1995), com cronologias análogas à da última fase dos Soeiros, alguns locais com estruturas (defensivas ?) que os

aproximam dos *castella*, nuns casos, e dos chamados “recintos ciclópicos”, noutros. Aparentemente, os Soeiros aproximam-se, em termos de implantação, das condições abertas que são a norma dos recintos ciclópicos, embora sem o característico aparelho que estes ostentam; Os *castella*, pelo contrário, ocupam geralmente esporões rochosos, com elevada defensabilidade natural, junto de ribeiros encaixados.

Em todo o caso, parece pertinente referir a originalidade deste sítio, que, apesar de apresentar dimensões exíguas que o aproximam dos *castella* e dos recintos ciclópicos, não se integra completamente em nenhum desses grupos. Por outro lado, observa-se, no mapa de distribuição regional destes sítios, uma aparente excentricidade geográfica dos Soeiros.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

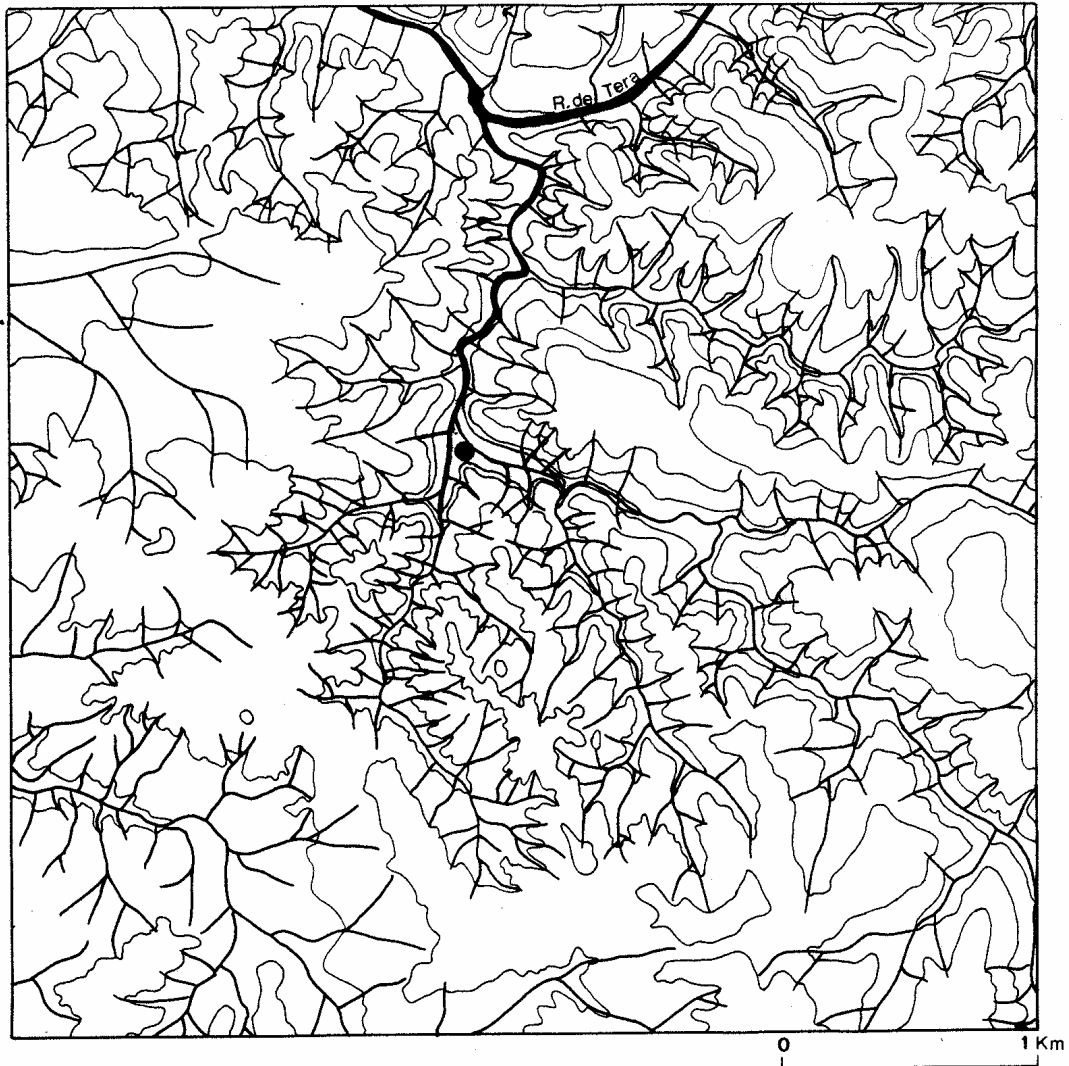


Fig. 2 -Localização dos Soeiros (CMP 1:25 000, fl.410).



**casadesarmento**

centro de estudos do património

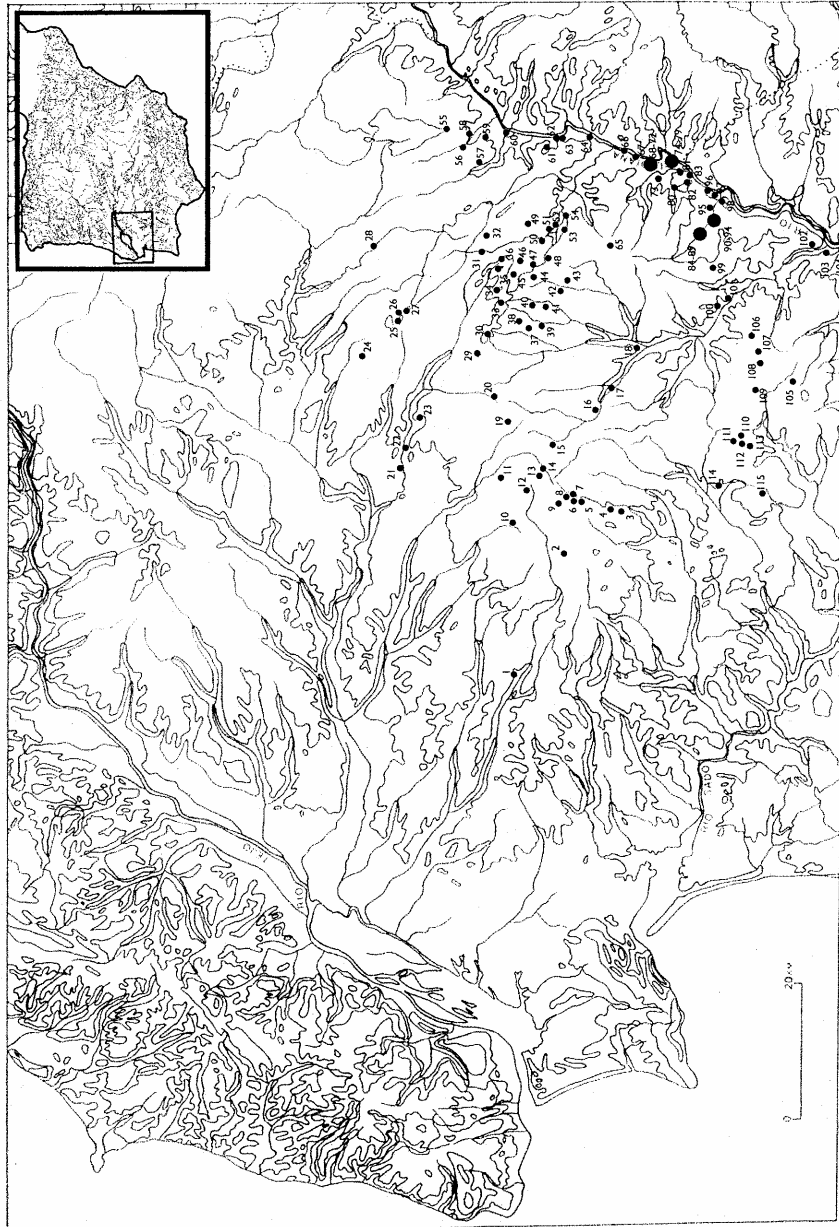


Fig. 3 – Sítios arqueológicos da Idade do Bronze (B) e Idade do Ferro

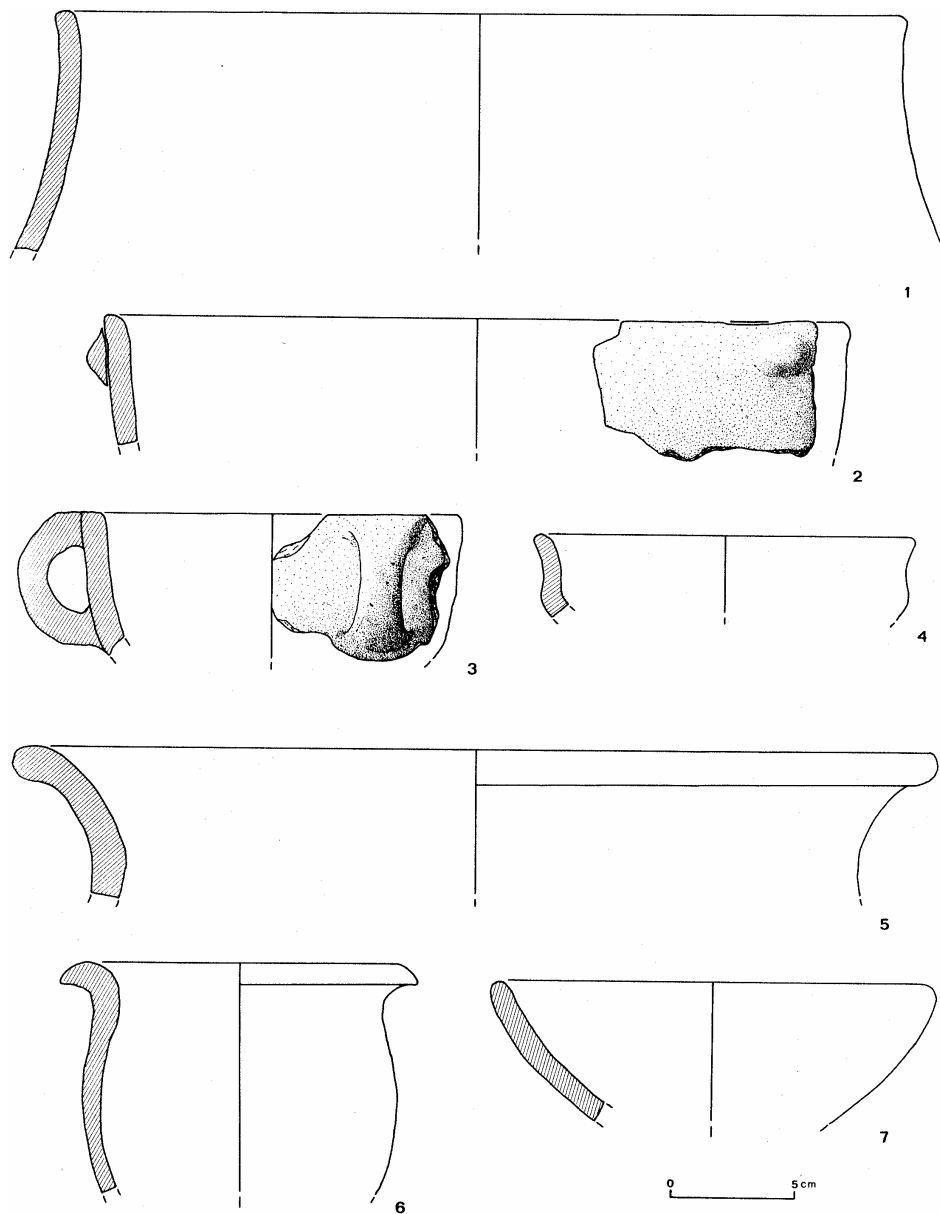


Fig. 4 – Cerâmica local e regional de fabrico manual; 1-4, cerâmicas da Idade do Bronze, 5-7, cerâmicas da Idade do Ferro

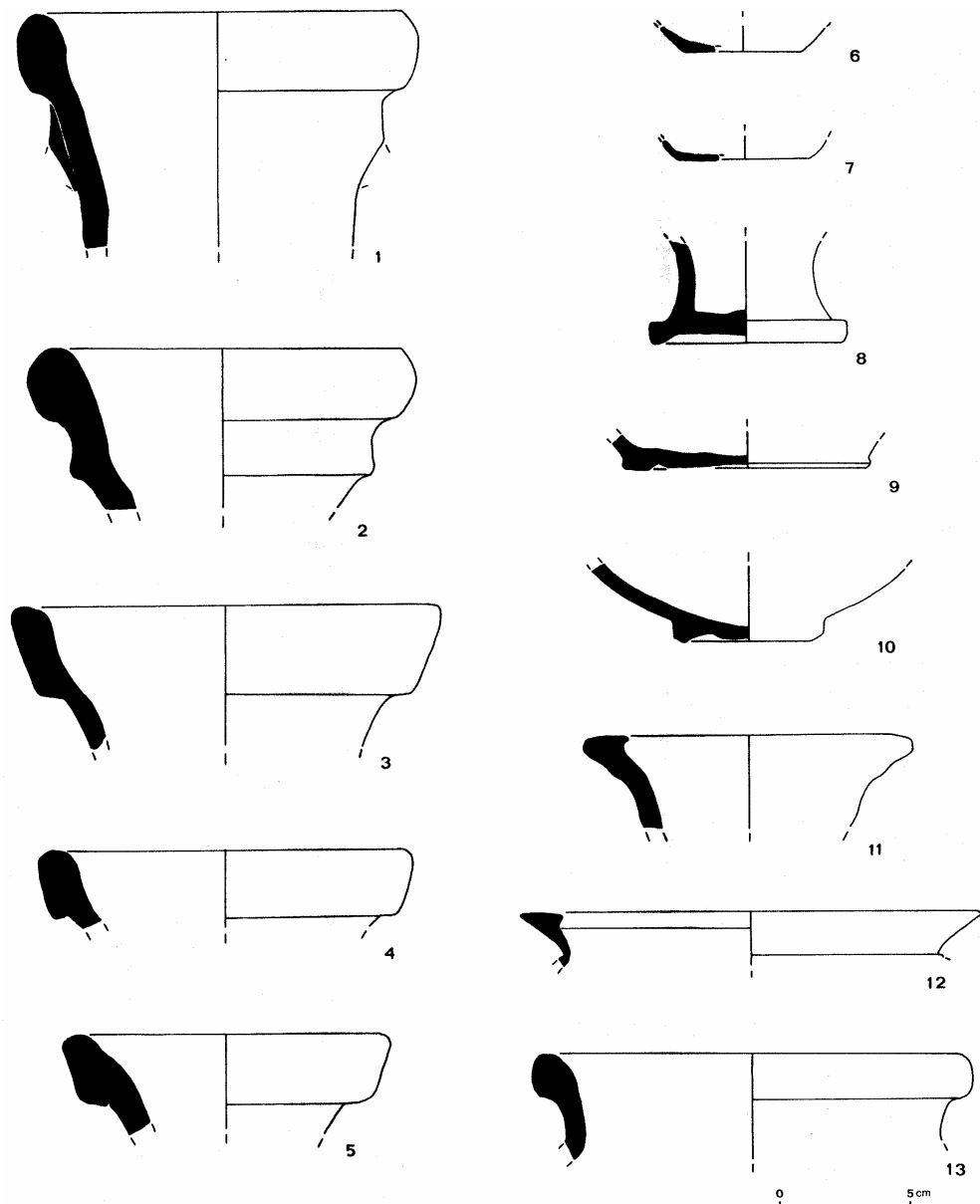


Fig. 5 – Cerâmica de importação; 1-5, ânforas, 6 e 7, cerâmicas de “paredes finas”, 8 cerâmica campaniense, 9 - 13 cerâmica comum de importação



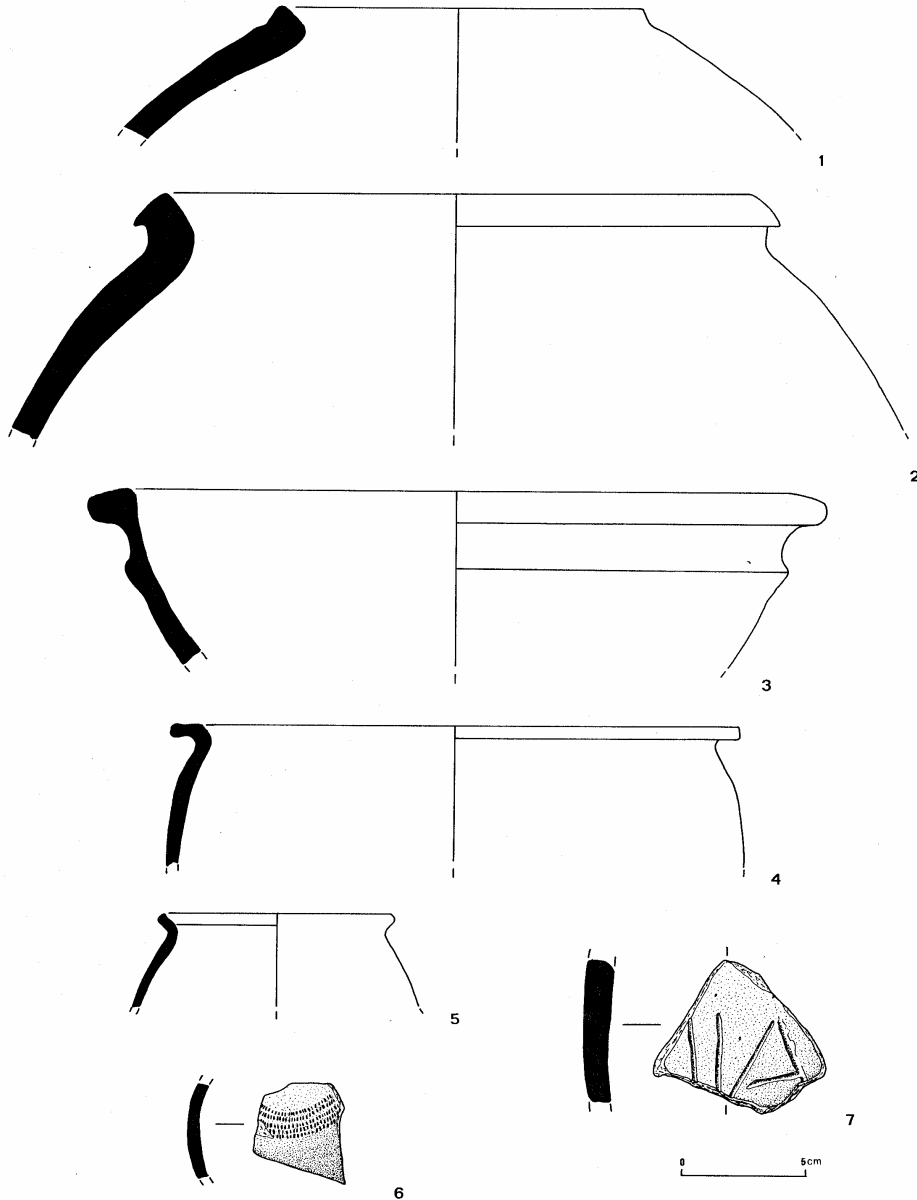


Fig. 6 Cerâmica comum local e Regional da Idade do Ferro

## BIBLIOGRAFIA

© Manuel João do Maio Calado, Maria Manuela Margarido de Deus, Rui Jorge Lopes Mataloto |  
Sociedade Martins Sarmento | Casa de Sarmento

17

- Arnaud, J. M.** (1970) - O Castelo Velho de Veiros - Campanha preliminar de escavações de 1969. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, Vol. II, p. 309-328.
- (1979) - Coroa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora – Escavações de 1971 – 1972, *Madrider Mitteilungen*, 20, Heidelberg, p. 56-99.
- Arruda, A. M.; Guerra, A.; Fabião, C.** (1995) - O que é a II Idade do Ferro no Sul de Portugal?. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto, VI, p. 237-257.
- Balland, A.** (1969) Céramique Étrusco-Campanieinne à vernis noir, fascicule 1, E. de Boccard, Paris.
- Beirão, C. M.; Correia, V H.** (1992) - A II Idade do Ferro no Sul de Portugal: O estado actual dos nossos conhecimentos. *Actas do XXI CNA*. (Teruel, 1991). Zaragoza.
- Berrocal, L.** (1989-90) Câmbio Cultural y Romanización en el Suroeste Peninsular, *Anas*, 2, 103-121.
- (1992) - *Los pueblos celticos del Suroeste de la Peninsula Iberica*, Complutum Extra 2, Madrid.
- (1994) El Altar Prerromano de Capote. Ensayo Etnoarqueológico sobre un ritual céltico en el Suroeste.
- Calado, M.** (1993b) - *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: C.M.A.
- (1996) - Recintos Ciclópicos no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora: C.M. de Évora, II série, 1, p. 275-286.
- (no prelo) - Endovélico e Rocha da Mina: contexto arqueológico. *Ofiussa*. 1.
- Calado, M.; Rocha, L.** (1996-1997) - Povoamento do Bronze Final no Alentejo Central. *A Cidade de Évora*. Évora, II série, 2, p. 35-55.
- (1997) Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central, *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, 1.
- Calado, M. Mataloto, R. Pisco, M.** (n.p.) Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central, Congresso de Proto-História Europeia.

- Fabião, C.** (1989) *Sobre as Ânforas do Acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Lisboa, UNIARQ/INIC.
- (1996) - O Povoado fortificado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Portalegre, p.35-84.
- (1998) *O Mundo indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. 3 vol. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Policopiado).
- Gamito, T.** (1988) *Social Complexity in South West Iberia, 800-300 BC. The case of Tartessos*. BAR, 439.
- Mason, S.; Correia, V.; Gibson, C.; Burgess, C.** (no prelo) - Escavações no povoado do Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Evora).
- Mayet, F.** (1975) *Les céramiques a parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Diffusion E. de Boccard, Paris.
- Molina Vidal, J.** (1997) *La Dinámica Comercial Romana entre Italia e Hispania Citerior*, Universidade de Alicante.
- Morel, J.P.** (1981) *Cerámique Campanienne: Les formes*, 2 vol. École Française de Rome.
- Parreira, R. Berrocal, L.** (1990) O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel), *Conimbriga*, 29, 39-57.
- Ricci, A.** (1985) Atlante delle forme Ceramiche II. Ceramica fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Ceramica a pareti sottili, *Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale*, Istituto della Enciclopedia Italiana, Fondada da Giovanni Treccani, Roma, pp.233-253.
- Rodríguez Díaz, A.** (1991) *La Ermita de Bélen (Zafra, Badajoz). Campaña 1987*, Editora Regional de Extremadura, Mérida.
- Silva, C.T.** (1978) Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém), *Setúbal Arqueológica* IV, p. 117-132.
- Silva, A.C.; Perdigão, J.** (1998) *Contributo para a Carta Arqueológica de Arraiolos*, Câmara Municipal de Arraiolos.

**Vilaça, R.** (1995) *Aspecto do Povoamento da Beira Interior (Centro/Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, *Trabalhos de Arqueologia* 9.